**Entrevistadora:**

**Então para começar qual é a sua faixa etaria?**

**Entrevistada:**

Que idade é que eu tenho? Eu tenho 51 anos, sou de ‘72.

Nasci em Mangualde, no distrito de Viseu.

**Onde é que frequentou o ensino secundário?**

Eu frequentei o ensino secundário na escola secundária de Magualde.

**E qual é que foi o curso? Se foi profissional ou científico-humanístico.**

Foi humanidades se não me engano. Sim sim, claramente humanidades.

**E no secundário como é que foi a sua experiência? Se foi positiva, se se dava bem com as pessoas?**

Sim foi uma experiência muito positiva. Sempre gostei muito da escola, de toda a escola. Desde o jardim escola até à escola primária, na altura. Depois o preparatório e o secundário, sempre gostei muito da escola. Era relativamente boa aluna, era bastante boa aluna. Levava muito a sério... acho que conseguia conciliar as duas coisas, entre a parte social do recreio, dos intervalos, mas também gostava de ser boa aluna, gostava de ter boas notas e.. pronto investia alguma coisa. E sentia-me desafiada com a escola.

**Então agora passando para a faculdade – houve alguém que a influenciou para escolher este curso de ciências da educação?**

Ora muito bem, ninguém me influenciou porque eu entrei no primeiro ano do curso de ciências da educação em Coimbra e foi o primeiro o ano que o curso existiu em Portugal. Portanto era um curso muito desconhecido e também nao escolhi este curso [risos]. Acabou por acontecer.

**Então frequentou o primeiro ano em Coimbra, mas continuou sempre em Coimbra nos outros anos ou mudou?**

Não, não, o curso fiz todo em Coimbra, portanto, fiz o primeiro ano e depois achei que não valia a pena estar a desperdiçar um ano da minha vida e terminei o curso direitinho. E sim, fiz o curso todo lá. Depois no estágio tive a oportunidade de estar em Braga com a unidade de educação de adultos na Universidade do Minho. Que na altura, se não me engano, ainda não tinha o curso de educação. Ou começou por volta dessa altura.

**E enquanto esteve a frequentar este curso estava só a estudar ou era trabalhadora-estudante?**

Estava só a estudar. Estava a ser estudante de Coimbra, com tudo o que isso implica. Tinha... não era tanto aquela parte tradicional, mas estava... tentava acompanhar as atividades culturais da Universidade, era sócia do centro de estudos cinematográficos, e por aí. Nunca fui muito ligada

a música e a tunas. Portanto, assistia, mas não participava nessas coisas.

**Foi o único curso que fez ou durante o resto da sua vida esteve a fazer mais cursos?**

Na verdade, foi a única Licenciatura que fiz. Depois continuei com o Mestrado em Ciências da Educação também, em Lisboa, e depois também frequentei o Doutoramento na Universidade do Minho, que não conclui.

**O que é que diria que a motivou a permanecer os 3 anos? Foi só não perder aquele ano ou foi algo mais?**

Tenho-vos a dizer que não foram 3 anos, foram 5 anos da Ciências da Educação. Bem, na verdade, o curso depois acabou por me interessar muito. Até ao 3º ano tínhamos muitas disciplinas em comum com a Licenciatura em Psicologia, mas depois começámos a ter áreas mais específicas de educação. E havia áreas que me interessavam muito. Havia a área da sociologia da educação, que me interessava bastante. E a verdade é que depois, no 3º ano, acabou por acontecer um... participámos, a turma toda participou num curso intensivo do Erasmus e estivemos durante 15 dias em Itália com outros grupos de outras nacionalidades. E a verdade é que isso depois acabou também por abrir outros horizontes e outras formas de estar. Também faz parte do percurso pessoal, há determinados momentos na nossa vida que são assim, como renascimentos e na verdade esse momento foi bastante importante, sim. Não só em termos dos estudos que estava a fazer, da licenciatura, mas também em termos pessoais, de uma certa abertura ao mundo, a outras temáticas. E depois a ida para Braga também... não digo que tivesse afunilado, não. Porque depois acabei por fazer estudos em alguns interesses fora da educação de adultos. Nesse mesmo ano também fiz o Erasmus em Londres, onde estive de janeiro a Abril e tinha muita liberdade para estar lá e estudar aquilo que quisesse. E na altura falava-se muito na questão do pós-modernismo e sobre essas questões ligadas à educação e também acabei por estudar muito nessa temática. E pronto e depois, continuamos.

**Quais é que foram assim as maiores competências desenvolvidas tanto na licenciatura como no mestrado?**

Eu acho que foi sobretudo na área da investigação, não tanto da investigação aplicada, mas eu sempre gostei muito da teoria. De teoria e de ler as referências teóricas das várias áreas das Ciências da Educação e, portanto, foi sobretudo isso que a licenciatura me deu. Porque era essa a principal função, depois na parte da educação de adultos. Estive envolvida foi num projeto de investigação e, portanto, de alguma forma era uma perspetiva que eu vislumbrava para o meu futuro, que era trabalhar na investigação em educação. E acho que sim, devem ter sido essas competências maiores. Teóricas e de investigação.

**E tem algumas competências que acha que deviam ter sido abordadas e não foram. Que depois, na sua vida profissional, chegou a obter.**

Eu acho que a sim. Às vezes sinto que, pelo menos sentia em relação àqueles 5 anos em Coimbra, que mesmo teoricamente as coisas eram abordadas de uma forma muito... muito superficial, mas acho que isso me.. não sei, não quero estar a generalizar. E aliás, porque já foi há muito, muito tempo e também era a primeira vez que o curso estava a existir e, portanto, os professores que nos davam aulas também estavam pela primeira vez, a descobrir o que é que fazia sentido e o grau de aprofundamento que tinham que ter connosco, mas senti sempre que depois, quando voltei a ler as obras em que trabalhei na faculdade, senti que a abordagem podia ter sido um pouco mais aprofundada. Mas acredito também que para aquela idade, a nossa, a minha capacidade e a nossa a capacidade do grupo para para abordar esses temas. Sobre outras competências é um curso que acaba por ser, pelo menos naquela altura era, um curso um pouco teórico. Estava-se a descobrir mesmo o que é que era isto das Ciências da Educação e qual era a utilidade que isso podia ter para para o país e para o tecido educativo português. Sempre foi muito claro que não ia ter nenhuma competência prática que não tivesse a ver com a investigação ou que com a organização ou com formação de professores. Dentro dessa temática, acho que foi suficiente.

**Tanto na licenciatura ou no mestrado, teve de fazer um estágio ou não fez estágio?**

Sim sim, fiz estágio. Como já referi fiz estágio na unidade de educação de adultos, em Braga.

**E acha que isso foi bastante importante para a sua vida profissional ou pronto, foi assim mais uma experiência?**

Foi importante porque como eu já referi, eu perspetivava trabalhar a investigação da educação e, portanto, estive a trabalhar num projeto de investigação e fazia todo o sentido. E depois a vida arranja outras alternativas e outros percursos, mas de qualquer forma, essas competências que adquiri de investigação, sistematização, leituras... foram sempre importantes.

**Então e depois com que idade, mais ou menos, é que começou mesmo a trabalhar nesta área? Depois de fazer os cursos.**

Ora muito bem, eu comecei a trabalhar em 96/97, portanto devia ter para aí 23/24 anos. E a primeira experiência de trabalho foi no Instituto de Inovação Educacional a colaborar numa investigação sobre, se não me engano, era cidadania, sim cidadania e escolas, mas foi assim uma experiência, porque na altura comecei a fazer mestrado também em Lisboa, em História da Educação e Educação Comparada, e logo um ano depois comecei a trabalhar em Viseu, na Universidade Católica, a fazer formação de professores e estive lá durante 10 anos, mais ou menos.

**E agora está a trabalhar onde? E qual a profissão que exerce?**

Neste momento estou a trabalhar num cineclube, sou um bocadinho freelancer, assim trabalhadora independente e colaboro com diversos projetos, mas o que me tem ocupado nos últimos anos, sensivelmente nos últimos 12/13 anos eu trabalho com o Cine Clube de Viseu no projeto educativo do Cine Clube de Viseu, portanto, tem a ver com concepção de projetos de cinema para crianças essencialmente.

**No seu dia-a-dia, como é que é o seu trabalho? Se mais é os projetos é... como é que é?**

Tem as várias vertentes na verdade, o cineclube já tinha projetos de educação. Tinha começado algum tempo já, mas aquilo que eu senti que valorizava o que era mais necessário a partir da minha abordagem. Era esta capacidade de perceber a escola e de perceber também os assuntos educativos e não ser só o cinema. A esta tendência das áreas artísticas, que têm uma linguagem própria e uma metodologia própria. Acharem que a educação é só mais uma transmissão qualquer e nisso noto que a minha formação em educação permitia-me perceber melhor como é que se desenvolviam os projetos educativos com a escola, como é que se fazia essa transposição das áreas artísticas para o contexto escolar. Quer porque percebi muito melhor como é que era o funcionamento da escola e quais eram as as suas... os seus objetivos, quais são os objetivos da escola e os seus moldes de funcionamento, os seus ritmos, as suas preocupações. E ai tentei que os projetos se adequassem mais a essa realidade escolar e não ficar só fechados naquilo que eram as preocupações do cinema e da educação para o cinema.

**Como é que conseguiu fazer isso? Como é que conseguiu ultrapassar essa barreira, digamos?**

Pronto, como eu dizia, o cineclube já desenvolvia alguns projetos educativos ia às escolas, fazia as suas oficinas, mas em determinada altura eu achei que a preparação, a formação para o cinema com jovens devia começar muito cedo e então foi aí com essa ideia que nasceu um projeto que o Cineclube ainda desenvolve, que é o Pequeno Cinema e era um projeto desenhado para o pré-escolar e primeiro ciclo e, portanto, começou há 12 anos, mais ou menos. Então o que é que nós fazemos enquanto profissionais da educação? É fazer uma concepção de projetos, desenhar quais são os objetivos, como é que se vai organizar e, por exemplo, isso foi muito claro para mim e acho que isso já tem uma parte de educação que é pensar como é que estes projetos artísticos entram na escola e aquilo que eu tinha, a minha sensibilidade, levava-me a perceber que esses projetos artísticos às vezes eram muito pontuais e, portanto, um pouco inconsequente em relação àquilo que se pretendia tanto para quem desenvolvia como para os próprios alunos. E então foi muito claro, por exemplo, que o Pequeno Cinema não podia ser uma atividade pontual que ia à escola e depois nunca mais lá aparecia e, portanto, o desenho do Pequeno Cinema foi desde logo, desde o início, ter 4 sessões ao longo do ano letivo. Outra coisa particular, a percepção de que havia muita dificuldade das escolas em sair do espaço escolar e, portanto, 3 sessões seriam dentro da escola, mas depois também era importante um momento em que os alunos iam à sala de cinema que é onde se vê cinema é na sala de cinema, preferencialmente e essa percepção das necessidades da escola e do cineclube foi muito determinante e percebi, por exemplo, que eram 4 sessões, não eram 20 sessões ou 10 sessões. Tem que ser um número justo de maneira também não sobrecarregar o trabalho escolar. E outra coisa era, as coisas tinham que funcionar bem, portanto tinha que ir tudo preparado e chegar, fazer tranquilamente, sem colocar demasiado peso ou demasiado demasiadas exigências na escola e, portanto, o projeto tem toda essa parte de preparação, de produção, desde a conceção do projeto até à organização da equipa, organização dos materiais, desenho das sessões, depois até ir à escola e realizar as próprias sessões. Eu acabei por fazer algumas das sessões. E, portanto, esse contato com os alunos também acabava por ser muito interessante também porque nos dava um feedback muito direto sobre as atividades que estávamos a propor. Ou seja, era muito fácil ver ao vivo a reação dos miúdos e fazer esse, ter esse feedback logo imediato. E depois à parte, tínhamos sempre uma parte da avaliação, tinha a ver com isso, com essa percepção e depois também fazer pequenos momentos de avaliação com os professores de forma a perceber a validade do projeto ou não.

**Então, já me falou de outras funções que exerceu, como é que era o seu dia-a-dia nessas outras funções? Nas profissões, outras profissões que teve ao longo da sua vida antes de chegar aqui ao cineclube.**

Ora o cineclube assim se não me engano, foram 2 anos entre 96/97 e depois de 2007 estive a fazer formação de professores na Universidade Católica, portanto, lecionei diversas disciplinas, psicologia da educação, história e filosofia da educação, sociologia da educação, a teoria do desenvolvimento curricular e bem, era fazer formação de professores dentro dessas dessas disciplinas. É evidente que depois há a componente do desenvolvimento curricular, era assim muito importante e foi aí, sem dúvida, que criei mais.

**Foi importante eventualmente para os alunos?**

Espero que sim, mas também em termos pessoais, deu-me alguma agilidade nesta componente de conceção de projetos e de operacionalização de projetos educativos com as escolas e não só.

**Como é que foi a sua experiência ao desenvolver a função atualmente da sua vida profissional?**

Ora bem, na verdade, quando há pouco vocês me perguntavam como é que a licenciatura depois tinha contribuído ou não para o meu desenvolvimento profissional, contribuiu nessa componente de educação assim de alguma consideração crítica pelos temas da educação em geral e depois pelos temas da escola e do funcionamento da escola, mas sem dúvida que acho que neste momento consegui aliar os 2 temas que me interessam mais, que é o cinema e a educação, isso foi uma sorte. Foi uma sorte, porque também tive, tive a sorte de vir para Viseu e apesar de vir trabalhar para a Universidade Católica, foi nessa altura também que me envolvi no Cine Clube de Viseu e depois acabei por desenvolver também um projeto profissional. Na altura era paralelo, mas que depois se tornou a minha função, o meu trabalho principal. Lá está pronto, foi essa conjugação entre o cinema e a educação. E sim, eu acho que já me perdi na pergunta.

**Durante esta profissão atual, sentiu alguma dificuldade? E o que é que fez para ultrapassar?**

A dificuldade que se coloca nesta área é sempre uma questão financeira. Não se trata de dificuldades teóricas ou de falta de... não tem a ver com o conteúdo. Às vezes tem a ver mais com o financiamento que estas instituições, como o cineclube, organizações como cineclube têm e, sobretudo quando comecei a trabalhar mais a sério no Cineclube, portanto, foi em 2010, mais ou menos. A verdade é que o financiamento para a educação para o cinema não era assim tão significativo. O ICA que é o Instituto de Cinema e Audiovisual tem uma linha de financiamento de projetos educativos e que o cineclube tem conseguido desde que existe essa medida, o cineclube tem sido financiado e aí a dificuldade tem sido ao mesmo tempo oportunidade. Não me interpretem mal. Porque às vezes, quando não há financiamento, uma pessoa tem que ir à procura e isso faz com que a atividade que começa com o Pequeno Cinema, depois se possa desdobrar por causa também dos financiamentos que nós temos que procurar. Só para vos dar um exemplo, o o Pequeno Cinema continua a funcionar no Cineclube direitinho, mas, por exemplo, no último ano conseguimos desenvolver um projeto que teve um financiamento europeu e isso foi o que nos permitiu fazer outro tipo de trabalho, também com as escolas mais de longa duração e também um pouco mais rico. O pequeno cinema acaba por ser uma introdução das crianças ao cinema mas, por exemplo, este projeto que fizemos no ano passado, que foi financiado pelo Learning Labs e tinha como objetivo a realização de uma pequena curta de animação no quarto ano da, neste caso, foi numa escola, na escola Aquilino Ribeiro e foi possível ao longo do ano todo trabalhar, fazer esse filme, mas ao mesmo tempo fazer outro tipo de trabalho também com a escola muito mais aprofundado, onde foi possível trabalhar muitas competências transversais dos alunos. Competências curriculares e transversais e de cinema e, portanto, é essa dificuldade, a falta de financiamento permite, por outro lado, nós também pensarmos noutro tipo de atividades, noutro tipo de abordagens que vêm enriquecer não só a organização, como depois também todos envolvidos, incluindo eu claro.

**Se já criou e geriu ou participou num projeto assim, quase os maiores desafios que sentiu?**

Ah, pois, só neste momento são vários projetos. Tenho um entre mãos do Erasmus que estamos a fazer com uma associação italiana. Tem a ver com com o tema de transmídia storytelling, com alunos de nono ano. Estou a sentir diversos desafios. Ainda não sei bem quais são, mas posso falar, por exemplo, do projeto que estive a coordenar no ano passado, este da realização do filme 5 Reis de Gente e Alguns Bichos e nestes processos de de educação para a arte e processos artísticos há uma coisa que eu acho que é comum também à própria criação artística, que é uma certa indefinição e um certo não saber exatamente o que é que vai resultar daquilo. E lidar com essa indeterminação pode ser desafiante. Outra coisa que é desafiante é quando estamos a gerir uma equipa de criativos, termos que delegar responsabilidades criativas às outras pessoas e, portanto, deixamos de as controlar, mas ao mesmo tempo isso é uma confiança e confiar que as coisas vão correr bem e trabalhar sobre o trabalho de outros. Isso é uma competência muito... acho muito importante assegurar que aquilo, assegurar que as condições e o trabalho de um produtor não é que assegurar que as condições existem, mas depois confiar na capacidade artística das pessoas envolvidas. E fazer o trabalho fluir e pronto, e depois a coisa acaba por acontecer.

**Na continuidade ter lhe falado sobre ter criado programas e os seus desafios, queria perguntar-lhe, o que é que é preciso para se criar um programa de formação. E como desenvolver as competências, capacidades e saberes necessários.**

Ora bem, muitas das capacidades de fazer projetos e de organizar são competências que nós aprendemos na faculdade às vezes um bocadinho, teoricamente, mas as bases estão lá. Isso, sem dúvida alguma, foi lá que eu aprendi. Outra componente essencial para desenvolver projetos e para conceber projetos é gostares muito daquilo que estás a fazer, no meu caso foi isso mas imagino que sim, mesmo que não gostes, que não gostemos do que estamos a trabalhar, as competências básicas que aprendemos na faculdade, de organização e concepção de projetos educativos, é isso que é preciso. Isso é preciso. Se não soubermos isso, estamos sempre a navegar à vista. Aliás, e muito, isso é uma coisa que eu noto muito em pessoas que não têm esta formação. De de gestão de conceção e gestão de projetos e especificamente os educativos. Depois quando vão trabalhar nas escolas acham que é só preciso de boas ideias e serem muito interessantes e uma temática muito interessante e depois andam a navegar à vista. E com isto quero dizer, vão gerindo as coisas conforme elas vão acontecendo, e nós sabemos que na educação é preciso nós acolhermos alguns imprevistos e alguma indeterminação, mas temos que ter muito claro quais são os objetivos, o que é que se pretende e como é que lá vamos chegar. Para mim isso é claro. E ter essa ideia muito presente e conseguir ter estes mecanismos também de avaliação e retroação que nos permitem a readequar a planificação e os processos. Sim, claramente, mas diria que muitas competências, principais, teóricas, práticas vá... e depois se gostarem daquilo que estão a fazer, então é ouro sobre azul.

**Na criação desses projetos, falou que a licenciatura lhe desenvolveu competências a nível teórico. Eu queria perguntar se de alguma forma foram criadas outras competências, tanto a nível da licenciatura como no mestrado. Outras competências para além de competências teóricas, claro.**

Ora bem, naquilo que eu estou a fazer neste momento, nos projetos que estou a desenvolver, diria que as competências teóricas, já estam um bocado refundidas. Nós temos tendência a ir atualizando as coisas e mesmo teoricamente, aquilo que se pensa atualmente sobre a educação ou as temáticas que são principais na educação, atualmente ou pelo menos na minha área, isto sobre o que é educação pela arte, a importância da arte na educação, não foi uma temática que eu tivesse trabalhado na faculdade de todo, nem era uma preocupação na altura. Acho que o país tinha outras prioridades para pensar em educação. Andávamos a trabalhar sobre educação de adultos, era a cena das competências, a certificação das competências em adultos. Depois pronto era a escola, é uma área muito da temática curricular. Bem, já vi alguma coisa para a educação, para os média, estava a começar na altura mas agora sentimos que há muito essa preocupação. A escola tem outras preocupações agora que tem muito a ver com essa temática da educação artística e do bem-estar e da... acho que mesmo as questões de indisciplina nem são abordadas da mesma maneira, se não me engano. Pronto, para dizer que na licenciatura provavelmente não tive assim mesmo a componente de desenvolvimento curricular que nós tivemos na faculdade foi importante, evidentemente, foi muito importante, estavam lá as bases todas, mas depois foi a minha experiência de... na formação de professores que me deu essa agilidade de ser muito automático para mim, olhar para o tema, olhar para uma escola e criar um projeto educativo. Para mim é muito simples, mas essa agilidade não veio só da faculdade. Não, veio depois da minha experiência profissional, enquanto formadora de professores e de ter que lecionar essa disciplina também.

**Desenvolve o seu trabalho em colaboração com os seus colegas? E como é que é trabalhar em equipa na sua vida profissional?**

Eu confesso que não sei, por características pessoais, às vezes tenho essa noção... bem quando foi o início do Pequeno Cinema eu senti que isto nascia um pouco da minha cabeça, mas também porque era a única pessoa dentro do cineclube que tinha formação em educação. E, portanto fazia sentido ser eu a pensar essa parte da conceção de projeto, mas depois trabalho com com outras pessoas, obviamente. Acho que temos vindo a encontrar um meio-termo de trabalho e cada um percebe as suas responsabilidades e as suas competências particulares e, portanto, combinamos e completamos. É mais isso.

**E como desenvolveu as suas capacidades para trabalho em equipa e com o papel da licenciatura e o mestrado em relação a essas capacidades de trabalhar em equipa?**

Ora, bem, a faculdade dá-nos algumas competências de trabalho em equipa, sim, em trabalhos de grupo, assim os básicos que às vezes depois é muito diferente quando no contexto profissional. Porque no contexto profissional, depois já não temos só um professor a avaliar-nos. Trabalhar em equipa num contexto profissional significa que tens que assegurar que as coisas fluem e correm bem. E, de repente, não estás a trabalhar com um professor, estás a trabalhar com 40, vá 30 turmas, com cada uma 20 alunos e há 1 carga de responsabilidade muito grande. E aí o trabalho de equipa não é um trabalho de grupo, tem mesmo que ser um trabalho em função do projeto. Isso acho que é outra coisa que posso acrescentar. Às vezes os trabalhos em equipa quando correm mal, correm mal porque alguém da equipa está a pessoalizar muito as suas funções e as suas responsabilidades. Eu acho que se as equipas se focarem nos projetos, nos processos dos projetos e nos resultados, o trabalho funciona muito melhor. Sem haver a preponderância deste ou daquele ou... não que é cada um de nós conta, já é aquilo que se pretende com o projeto. E isso parece-me fundamental. Não sei se respondi à pergunta.

**E que competências adquiriu na vida profissional?**

Há várias competências, deixem-me cá ver... não sei se é no contexto profissional, acho que no contexto profissional, a principal competência tem sido precisamente o trabalhar em equipa. Isso admito claramente. Sinto que há uma grande diferença entre há 12 anos. Reparem, eu estou a falar de há 12 anos atrás, porque depois quer o trabalho do mestrado, quer a participação depois lá na frequência de doutoramento, quer mesmo o trabalho que desenvolvi na Universidade Católica, acabavam por ser trabalhos um pouco solitários, ou seja, no sentido em que estamos a dar a cara pelo nosso trabalho, pelo nosso nome e não tanto por uma coletividade ou uma organização ou... claro que eu era professora da Universidade Católica, mas isso não tinha implicações depois, na lecionação do dia-a-dia da disciplina não é, na organização dos conteúdos, tudo isso era organizado por mim. Era eu que tinha que fazer essa gestão do currículo. Mas quando estamos a falar de projetos como aquele que estamos a desenvolver no cineclube, já não é só um projeto meu, é um projeto do cineclube e, portanto, há uma carga de responsabilidade também institucional, que está associada ao projeto e esses projetos não são feitos só por uma pessoa, são feitos por várias e, portanto, faz todo sentido que sejam trabalho de equipa. E aí foi a principal competência que eu tenho vindo a desenvolver nos últimos anos. Tem sido precisamente essa capacidade de trabalhar em equipa. Se o projeto no início dependeu muito do meu trabalho de criação de conceção do projeto, neste momento não, claramente é um trabalho coletivo e essa capacidade de me relacionar com os outros elementos da equipa foi, sem dúvida, um desafio e uma aprendizagem e acho que melhor para toda a gente e claro que isso depois permite-me, quando estou noutros projetos, em que novamente preciso trabalhar em equipa, essas competências possam ser utilizadas. Sim, claramente.

**O que é que a motivou na sua vida profissional e o que a desmotivou?**

Eu sou um otimista por natureza, nunca nada me desmotiva muito. [risos] Desculpem lá...

Sim, é verdade é que não contando eu grande coisa, não é porque não sabia o que é que era isto das ciências da educação, eventualmente, quando estava na licenciatura, depois uma pessoa cria algumas expectativas em relação a fazer investigação e isso tudo. Mas depois não tendo grandes expectativas depois, aquilo que foi acontecendo no meu percurso profissional foi muito interessante. Foi, não é só interessante... interessante, é uma palavra um bocadinho desinteressante. Foi uma foi uma... acabou por ser um percurso rico. Lá está, na nossa vida profissional algumas compensações nós temos que ter ou são compensações financeiras ou são compensações emocionais e de realização pessoal. Não tendo grandes compensações financeiras, sinto-me completamente realizada em termos profissionais, porque estou a trabalhar exatamente no tema e da forma como eu gostava e mesmo a parte da educação, que deixem-me dizer-vos também que a minha ligação com a escola sempre foi muito forte porque venho de uma família... a minha mãe era professora, a minha tia era professora, tenho não sei quantas irmãs professoras, portanto era super natural que o meu percurso profissional passasse também pela escola. Acabou por passar de outra forma e não queria ter nada a ver com a escola. Nunca foi uma coisa que me seduzisse em termos profissionais, mas depois acabou por estar, eventualmente, se calhar com o melhor da escola, que é uma área que os miúdos, que as crianças gostam muito e que permite-lhes trabalhar de outra forma na escola. E isso é uma experiência muito, muito, muito boa.

**E que competências pensa que lhe faltam para enriquecer a sua vida profissional?**

Ora, a minha experiência profissional é assim, para ser muito sincera, competências assim, práticas era eu saber trabalhar muito bem com uma câmara de filmar, com essas partes todas técnicas do cinema, mas também não é uma coisa que me interessa, não me interessa fazer isso. Prefiro ter de estar mais na parte criativa do que propriamente estar depois na parte da técnica, da realização do trabalho. E portanto, sim, acho que é evidente que não há competências que eu ainda quero adquirir, é mais a questão se há competências que eu posso melhorar e isso acho que podemos sempre melhorar. Acho que há uma competência que eu posso melhorar, que é nós às vezes temos ideias e temos ideias de projetos e achamos que são as melhores ideias do mundo. E o mundo é muito mais vasto do que essas ideias e cultivar alguma humildade sobre as ideias que temos e sobre as coisas que temos, é uma coisa que posso trabalhar. Mas e depois tem outro lado que é, nós também não nos deixarmos cair nesse sentimento que “ah temos uma ideiazinha, mas já toda a gente faz coisas tão espetaculares” e nós depois deixarmos de fazer as coisas. Não. Há sempre muito para fazer e, portanto podemos sempre avançar, tentar avançar com as coisas e acreditar nas ideias que temos. E era como estava a dizer, não tanto adquirir competências novas, mas a aprofundar algumas das competências. Há sempre coisas que podemos melhorar na relação destes projetos com as escolas, há sempre novas áreas que podemos abordar e eu trabalho com as outras pessoas a seriedade, a ética de trabalho. Tudo isso são competências que têm que estar permanentemente a ser trabalhadas.

**Agora uma pergunta mais pessoal. O seu ambiente familiar ao longo da sua vida influenciou na escolha da carreira profissional?**

Não, no início como eu já referi na verdade, a minha mãe queria que eu fosse para professora do ensino básico e eu disse-lhe logo taxativamente que não. E depois esbarrei no curso de ciências da educação e, portanto, agora costumo às vezes pensar sobre essa questão e eu ter-me-ia realizado imensamente se tivesse sido professora do ensino básico, porque é uma idade que gosto imenso, mas depois acho que a minha ligação com a educação e com a escola, através do curso de ciências da educação, foi muito mais interessante. Porque em termos pessoais, o percurso que eu fiz através do curso, era um curso e foi um percurso muito diferente do que seria se tivesse num curso de ensino básico. Deixem-me clarificar que eu não estou a fazer muita distinção entre os cursos, pelo menos completamente. Se eu tivesse ido para professora do ensino básico, provavelmente teria feito o curso em Viseu, na Escola Superior de Educação. Ora, a experiência escolar que uma pessoa tem em Viseu ou tem Coimbra... e depois têm Coimbra com possibilidade de fazer Erasmus e estagiar noutra Universidade e continuar um percurso supostamente de investigação com mestrado, doutoramento, é muito diferente. E portanto, não, não sei se seria a mesma pessoa se tivesse seguido um curso, daquela que sou agora. E estava a dizer da questão familiar, portanto, sim, eu acho que os nossos percursos se vão desenhando à medida que a nossa vida vai acontecendo. E ao chegamos a determinados cruzamentos e vai para um lado e vai para o outro, mas sim talvez não tanto a minha família, mas depois eu já lá volto a família. Mas as pessoas que nós vamos conhecendo, acabam por ser determinantes. Por exemplo, a vossa professora Elisabete foi determinante em muitos direcionamentos do meu percurso profissional também, e das áreas das temáticas que nos interessam. E quem fala dela fala, sei lá, fala por exemplo, aquela experiência do Erasmus também foi determinante. Estar em Londres no Erasmus também. Depois em termos familiares... não sei se não foi importante, porque em 2008 nasceu a minha filha e, de facto, como eu estava ligada ao cinema e ao cineclube, surgiu esse interesse. Não sei como é que as crianças pequeninas, como é que, como é que se ensina o gosto pelo cinema e sem dúvida que foi uma motivação. E é curioso que ela agora está no nono ano e subitamente, também estou a trabalhar com alunos de nono ano de outra escola. Não é que as coisas sejam... eu não faço as coisas, porque tenho uma filha com esta idade, não é isso. Eventualmente alguma contaminação, mas era um percurso normal também para os projetos do cineclube que houvesse acesso à continuidade. Ou seja, nós trabalhamos com o Pequeno Cinema até aos 10 anos de idade e depois não faz sentido largar os miúdos sem mais propostas nenhumas na área de cinema. E portanto, esta continuidade acaba por ser natural e é natural que os projetos sigam também outras outros níveis de ensino.

**E quais desafios para encontrar o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional?**

Ora, isto é uma pergunta mais... mais para o politicamente correto, não é? Ora, o equilíbrio entre vida profissional e a vida... familiar, é isso é a pergunta?

**Qual, sim.**

Sim ora bem, vamos cá ver. o equilíbrio... o equilíbrio... surge também por opções pessoais. Acho que as pessoas aí são muito livres de tomarem essas opções. Às vezes as carreiras profissionais não são completamente compatíveis com uma vida pessoal, seja ela familiar, seja ela de crescimento pessoal de outra ordem, seja espiritual, seja artístico, seja intelectual... às vezes não há tempo para tudo. Quando se investe muito numa coisa, alguma coisa tem que se perder, são opções que se fazem na vida. Se eu quiser ter uma vida profissional e ser altamente remunerada por ela, se calhar há partes da vida pessoal que ficam mais para trás. A minha posição pessoal foi sempre criar um equilíbrio, apesar de eu saber que não é concessões que eu tinha que abdicar de algumas coisas para manter e a minha opção, foi... sim a minha vida pessoal e a minha vida familiar e o meu crescimento, sei lá, intelectual, artístico, ser feito às custas de uma vida profissional sim, foi esse o equilíbrio que eu encontrei. Mas, de resto, está tudo super bem equilibrado, porque consigo fazer exatamente aquilo que eu quero. E continuar a ter tempo para fazer as coisas que eu quero fazer, para além de disso.

**Desde que ingressou o mercado de trabalho, realizou algum tipo de formação profissional?**

A formação profissional não, foi mesmo só a questão do mestrado depois a minha breve impressão no doutoramento e o que eu faço não é tanto em termos profissionais, de um plano de estudos assim, mais organizado, mas pequenos seminários, conferências à volta das temáticas que me interessam.

**Que relação existe entre a formação que frequenta e as exigências do mercado de trabalho?**

Como a formação, como?

**Entre a sua formação, que obteve ao longo dos anos e as exigências que essa formação exige no mercado de trabalho.**

Sim ok já percebi. Ora bem, como a minha formação já foi feita há muito tempo. Diria que a formação que eu tive, portanto à 30 anos por aí, já teria muito pouco a ver com aquilo que é exigido agora. Pelo menos na área que eu trabalho. No sentido de, acho que há uma série de ferramentas e eu acho uma certa agilidade que é necessário ter de ferramentas tecnológicas, de comunicação de... sim, essencialmente de comunicação e que passa por comunicação é... pronto é tudo o que nós fazemos academicamente ou como estamos nos trabalhos que fazemos e essa agilidade era completamente inexistente. Eu sou de uma altura que não existia a Internet. No ensino sim. Quando eu fiz o curso não existia Internet. A Internet começou para aí em ‘90, pelo menos cá em Portugal começou em 96/97, portanto, em inimaginável para vocês um sem Internet. E quem fala da Internet fala desta comunicação, isto que nós estamos a fazer agora era obviamente ficção científica nessa época. Portanto... sim, acho que posso responder assim. E é muito difícil responder tendo em conta a realidade que existia e agora a realidade super-rápida, super... completa e imediata que vocês têm agora e que é exigida agora daquilo que... que eu tive.

**Que razões a têm levado a optar pela formação que tem vindo a obter ao longo dos anos e que tem vindo a fazer?**

É o que eu, como vos disse, todas as formações que eu faço têm a ver com competência, quer dizer, por exemplo, fiz um curso online sobre gamificação. Porque é um tema que me interessa e é um tema que interessa aos jovens. E portanto, quando eu faço formações, faço em temáticas que eu sei que me vão ser úteis para trabalhar ou em determinado projeto ou com determinado público ou numa área temática. Portanto, são sempre coisas muito decididas por mim. Eu não faço formação para ter créditos de nada, para ter no currículo de nada. Isso não me interessa para nada. Mas isso é porque já não me interessa, para vocês interessa, para mim não interessa. E porque, pronto sim, para além de eu ser também muito crítica em relação a algumas questões dos currículos vitae, dessa necessidade de andar permanentemente a alimentar o currículo com coisinhas e coisinhas. Não, só faço formação que me interessa, altamente pragmática, pragmática ou para coisas que me interessam, porque vou precisar delas ou coisas que me interessam, só porque me interessam e ninguém tem nada a ver com isso no sentido de não tenho que prestar contas a ninguém.

**E quais os planos para o futuro em termos de formação contínua?**

É exatamente isso que acabei de dizer, interessa-me aprender muito, aliás se há uma coisa que eu sinto na minha vida, e não é nenhum cliché, é que estive permanentemente a aprender. Mas daquela aprendizagem que eu acho que é boa, aquela aprendizagem sobre coisas que não és obrigada a fazer, fazes porque queres e porque faz sentido. Isso é o melhor dos mundos e, como vos disse, como estava a relatar a pouco, quando eu estava a estudar, não havia Internet e, portanto, as necessidades de aprendizagem, de constante atualização que eu tive que fazer foram enormes. Claro que também vieram numa altura em que era super natural, mas confesso que às vezes tenho que fazer um esforço para para me conseguir atualizar sobre imensas coisas, sobre coisas que os miúdos adolescentes ou vocês... é uma questão do dia-a-dia e, portanto, é isso sim. Tenho feito esse exercício, mas nunca recorrendo a uma profissão, a uma formação muito programada mais ou menos. Essa coisa da gamificação, por exemplo, era um curso online de uma universidade americana e eram planos todos direitinhos com as aulinhas online, com os trabalhos com... mas lá está pronto...

Agora aqui para terminarmos, tem algum conselho para nos dar enquanto alunas do primeiro ano desta licenciatura? Algum conselho para nós conseguirmos.

Estão numa excelente escola, têm professores fantásticos e, portanto, estão super bem encaminhadas. Aproveitem, às vezes é difícil quando nós somos novinhos de ir ao fundo das questões e aproveitar muito aquilo que nos é dado. Tentem aproveitar ao máximo. Porque é uma altura também em que vocês têm total disponibilidade, não sei se é o vosso caso, se são trabalhadoras-estudantes ou não, mas é uma altura em que nós temos toda a disponibilidade para estudar, para pensar, para conversar sobre as temáticas que são propostas por uma universidade e por professores que têm toda uma carreira, estão já super selecionadas como sendo as melhores experiências, as melhores temáticas. Portanto, acho que é isso. Aproveitem esta parte e depois tudo o que vier, se estiver sobre essa base boa e sólida, tudo vai correr muito melhor.

Obrigado, mais uma vez, obrigado pela sua disponibilidade e por esta reunião.

Obrigada, também. Obrigada pelo vosso interesse, quaisquer coisa disponham, está bem, beijinhos, tchau.

**Obrigada.**

**Muito obrigada.**